

A Luz Através da Janela

Conhecer seu passado é a chave
para libertar seu futuro.

Autora best-seller #1 com 1 milhão de cópias vendidas



LUCINDA RILEY



LUCINDA RILEY

A Luz Através da Janela

Conhecer seu passado é a chave para
libertar seu futuro.

Tradução
Ivar Panazzolo Júnior



Copyright © Lucinda Riley, 2012
Copyright © 2012 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

3ª Impressão — 2013

Produção Editorial
Equipe Novo Conceito
Impressão e Acabamento Geográfica 230713

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Riley, Lucinda
A luz através da janela / Lucinda Riley; tradução Ivar Panazzolo Júnior. -- Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito Editora, 2012.

Título original: The light behind the window.
ISBN 978-85-8163-114-1

1. Ficção inglesa I. Título.

12-12086

CDD-823

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura inglesa 823



Tradução de Dr. Hugo Fortes, 1.885 — Parque Industrial Lagoinha
14095-260 — Ribeirão Preto — SP
Ivar Panazzolo Júnior www.editoranovoconceito.com.br

Para Olivia.



"O que você é deve-se a circunstâncias de nascimento;
o que eu sou, sou por meus próprios méritos."

LUDWIG VAN BEETHOVEN



A Luz Através da Janela

*Noite sem fim;
A escuridão é o mundo que conheço.
Pesado fardo;
Nenhuma luz surge por trás das janelas.*

*Dia suave;
A mão que se estende em meio à tristeza.
Toca gentilmente;
Espalha o calor por toda a sala.*

*Horas do crepúsculo;
As sombras em você vêm e vão.
Uma saudade secreta;
O coração fica mais sensível e volta a bater.*

*Luz sem fim;
A escuridão era o mundo que eu conhecia.
Queima e ilumina;
Cresce com meu amor por você.*

Sophia de la Martinières,
julho de 1943.





CAPÍTULO 1

GASSIN, SUL DA FRANÇA, PRIMAVERA DE 1998

Emilie sentiu a pressão das mãos diminuir e olhou para o rosto de Valérie. Pareceu-lhe que, enquanto a alma deixava o corpo, a dor que contorcia seu rosto também desaparecia. Naquele rosto esquelético, era possível ver a beleza da mãe.

— Ela nos deixou — murmurou Phillipe, o médico; não era necessário.

— É.

Ouviu o médico balbuciar uma prece, mas não quis orar com ele. Ficou olhando fixamente, com uma espécie de prazer mórbido, para o saco de carne que lentamente adquiria uma coloração acinzentada. Era o que restava da presença que dominou sua vida durante trinta anos. Instintivamente, Emilie queria chacoalhar o corpo da mãe para que ela despertasse, pois a transição da vida para a morte, dada a presença de vida que Valérie de la Martinières sempre teve, era forte demais para ela aceitar.

Não sabia o que estava sentindo. Nas últimas semanas, havia ensaiado bastante esse momento. Desviou os olhos do rosto da mãe e olhou através da janela. As nuvens pontilhavam o céu e pairavam no ar como merengues prontos para ir ao forno. De repente, ouviu o canto suave de uma cotovia anunciando a chegada da primavera.

Levantou-se vagarosamente, suas pernas ainda estavam rígidas das longas noites que passara em vigília ao lado do leito, e foi até



a janela. A paisagem do início da manhã não tinha qualquer tom do pesar que as próximas horas trariam. A natureza havia pintado um belo retrato, como fazia a cada alvorecer. As cores suaves da paleta de Provença, o ocre, o verde e o azul-escuro, traziam gentilmente um novo dia. O olhar de Emilie atravessou o terraço e os jardins e pousou nos vinhedos ondulantes que cercavam a casa e se espalhavam até onde os olhos conseguiam enxergar. A vista era simplesmente magnífica e o era há vários séculos. O *Château de la Martinières* era seu santuário na infância, um lugar de paz e segurança; sua tranquilidade estava estampada de maneira indelével em cada sinapse do seu cérebro.

E agora tudo aquilo lhe pertencia, embora não soubesse se sua mãe havia deixado algum dinheiro para continuar a custear a propriedade, depois de todos os seus excessos financeiros.

— *Mademoiselle* Emilie, vou deixá-la a sós com sua mãe para que possa se despedir — a voz do médico interrompeu seus pensamentos. — Estarei no térreo, vou cuidar da burocracia necessária. Lamento muito — acrescentou, fazendo uma pequena mesura antes de deixar o quarto.

E eu, lamento...?

A pergunta surgiu clara na mente de Emilie. Voltou-se à cadeira e sentou-se, tentando encontrar respostas para as várias perguntas que essa morte lhe trazia, querendo somar e subtrair das colunas emocionais e encontrar uma sensação definitiva. Claro que isso era impossível. A mulher deitada de maneira tão patética, tão inofensiva agora, ainda era uma influência confusa e sempre traria o desconforto da complexidade.

Valérie deu à luz uma filha, alimentou-a, vestiu-a e deu-lhe um lar de qualidade. Nunca chegou a lhe bater ou abusar.

Simplesmente não notava sua existência.

Valérie era uma pessoa, e Emilie esforçou-se para encontrar uma palavra para descrevê-la, *desinteressada*. E isso fez com que ela, no papel de filha, se tornasse invisível.

Emilie estendeu a mão e a pousou sobre a de sua mãe.

— Você não me via, mamãe... Não me enxergava.

Emilie sabia que seu nascimento havia sido uma resposta relutante à necessidade de produzir um herdeiro para a linhagem dos De la Martinières. Uma exigência cumprida pelo senso do dever, não pelo desejo materno de gerar uma criança. Ao perceber que tinha uma “herdeira” nas mãos, o que era o menos desejável, Valérie ficou ainda mais desinteressada pelo papel de mãe. Não tinha idade para conceber novamente (Emilie nasceu do último jorro de fertilidade de sua mãe, então com quarenta e três anos) e continuou a levar a vida de uma das anfitriãs mais charmosas, generosas e belas de Paris. O nascimento e a subsequente presença de Emilie pareciam ter tanta importância para ela quanto a aquisição de mais um chihuahua que faria companhia aos outros três. Da mesma maneira que os cães, Emilie era trazida dos seus aposentos e acariciada apenas quando isso era do agrado de sua mãe. Pelo menos os cachorros conseguiam encontrar conforto na presença de seus semelhantes, pensava Emilie, que, por sua vez, passou longos períodos da infância sozinha.

O fato de haver herdado as feições dos De la Martinières, em vez dos traços brancos, loiros e delicados dos ancestrais eslavos de sua mãe, também não ajudou Valérie a gostar da menina. Emilie era uma criança atarracada, com a pele morena e grossos cabelos castanhos em tom de mogno, aparados a cada seis semanas num corte estilo Chanel, com a franja formando uma grossa linha acima de suas sobrancelhas escuras, um presente dos genes do seu pai, Édouard.

— Às vezes olho para você, querida, e nem acredito que seja a filha a quem dei à luz — dizia a mãe em uma de suas raras visitas ao quarto de Emilie antes de ir à ópera. — Bom, pelo menos você tem meus olhos.

Em certas ocasiões, Emilie desejava arrancar os olhos de um azul profundo das órbitas e trocá-los pelas belas íris em tom de avelã de seu pai. Não os achava adequados ao seu rosto e, toda vez que se olhava no espelho, enxergava a mãe.



Emilie sempre imaginou que havia nascido sem dons ou talentos que sua mãe pudesse apreciar. Matriculada em uma escola de balé aos três anos de idade, descobriu que seu corpo se recusava a fazer as contorções necessárias. Enquanto as meninhas flutuavam pelo estúdio como pequenas borboletas, ela tinha que lutar muito para agir com graça. Seus pés pequenos e largos gostavam de ficar plantados firmemente no chão, e qualquer tentativa de separá-los resultava num fracasso. Aulas de piano foram o mesmo desastre, assim como as aulas de canto; ela era incapaz de diferenciar as tonalidades na música.

Seu corpo também não se acomodava bem dentro dos vestidos femininos que sua mãe insistia que vestisse quando convidava amigos e *socialites* para uma *soirée* nos jardins refinados e cercados por roseiras no quintal da casa de Paris, ambiente onde aconteciam as famosas “festas de Valérie”. Deixada de lado em uma cadeira no canto do jardim, Emilie admirava a mulher elegante e encantadora que flutuava entre seus convidados com graça e profissionalismo. Durante os vários eventos sociais na casa de Paris e também no verão, no *château* em Gassin, Emilie sentia que lhe faltavam palavras e sofria com um desconforto constante. Ela não herdara o dom de socialização de sua mãe.

Mesmo com todos esses desajustes, se alguém olhasse de fora, imaginaria que Emilie fosse feliz. Teve uma infância digna de conto de fadas, morava em uma linda casa em Paris, vinha de uma família que descendia de uma longa e secular linhagem de nobres franceses e era possuidora de uma riqueza herdada que estava intacta após os anos de guerra. Esse era um cenário com o qual muitas garotas francesas só podiam sonhar.

Pelo menos ela tinha seu amado pai. Embora não lhe desse muito mais atenção que a mãe, devido à obsessão com sua crescente coleção de livros raros, que mantinha no *château*, quando conseguia atrair sua atenção, ele lhe dava o amor e a afeição que desejava.

Seu pai tinha sessenta anos quando Emilie nasceu e morreu quando ela tinha quatorze. Raramente passavam algum tempo juntos, mas Emilie entendia que muito de sua personalidade vinha de seu pai. Édouard era tranquilo e introvertido, preferia seus livros e a paz do *château* ao constante fluxo de amigos e conhecidos que Valérie trazia para dentro de suas casas. Emilie frequentemente se perguntava como duas pessoas tão diferentes conseguiram se apaixonar. Mesmo com as diferenças, Édouard parecia adorar sua jovem esposa. Não fazia objeções ao seu estilo de vida extravagante, mesmo que levasse uma vida mais frugal que ela, e se orgulhava da beleza e popularidade que a esposa tinha no cenário social de Paris.

Frequentemente, quando o verão terminava e chegava a hora em que Emilie e Valérie deveriam voltar a Paris, Emilie implorava para que seu pai a deixasse ficar.

— Papai, eu adoro ficar aqui no campo com você. Há uma escola na vila e eu poderia estudar lá e cuidar de você. Você deve se sentir muito sozinho aqui no *château*, sem ninguém ao seu lado.

Édouard lhe acariciava as bochechas com carinho, mas balançava a cabeça negativamente.

— Nada disso, pequena. Por mais que eu a ame, você deve voltar a Paris e aprender suas lições. E também precisa saber como se tornar uma dama, como a sua mãe.

— Mas papai, eu não quero voltar a Paris com a mamãe. Quero ficar aqui com você...

E então, quando fez treze anos, Emilie ficou piscando para afastar as lágrimas que surgiram de repente, ainda incapaz de retornar ao momento em que o desinteresse de sua mãe se transformou em negligência. Ela sofreria as consequências disso pelo resto de sua vida.

— Como você se atreveu a não me ver nem se importar com o que acontecia comigo, mãe? Eu era sua filha!

Um rápido movimento num dos olhos de Valérie fez com que Emilie se sobressaltasse, temendo que sua mãe ainda estivesse viva



e que houvesse escutado as palavras que ela acabara de pronunciar. Treinada para identificar os sinais, Emilie verificou o braço de Valérie em busca de uma pulsação. Mas não havia qualquer indício de vida, eram os últimos vestígios físicos e seus músculos se relaxavam e deixavam que a morte tomasse conta de seu corpo.

— Mãe, vou tentar perdoá-la. Vou tentar entender tudo o que fez, mas, neste momento, não sei dizer se me sinto feliz ou triste por você estar morta.

Emilie sentia que sua respiração ficava um pouco mais estrangulada, um mecanismo de defesa contra a dor de pronunciar as palavras em voz alta.

— Eu a amei muito, me esforcei para agradá-la, conquistar seu amor e atenção e me sentir... *digna* de ser sua filha. Meu Deus! Eu fiz de tudo! — Emilie apertou as mãos até seus punhos se contraírem. — Você era minha *mãe*!

O som da sua voz ecoando pelo quarto amplo a deixou chocada, e o silêncio voltou a reinar. Ela olhou fixamente o brasão de armas da família dos De la Martinières, pintado há duzentos e cinquenta anos na cabeceira majestosa da cama. Desbotado depois de tanto tempo, o brasão mostrava dois javalis selvagens engalfinhados em combate com a onipresente flor-de-lis e o lema “A Vitória é Tudo” exibido logo abaixo, quase ilegível depois de tanto tempo.

Repentinamente, Emilie estremeceu, embora o quarto estivesse quente. O silêncio no *château* era ensurdecedor. Uma casa que outrora esteve cheia de vida, hoje era apenas uma casca vazia, abrigava o passado. Ela olhou para o anel com o sinete no dedo mínimo da sua mão direita, ostentando o brasão da família em miniatura. Ela era a última sobrevivente da linhagem dos De la Martinières.

Emilie sentiu o peso de séculos de ancestrais sobre seus ombros e a tristeza de uma esplêndida e nobre linhagem reduzida a uma mulher solteira de trinta anos, sem filhos. A família passara pelas agruras de vários séculos de brutalidade, mas, no intervalo de cin-

quenta anos, a Primeira e a Segunda Guerra Mundial fizeram com que seu pai fosse o único herdeiro.

Pelo menos não haveria as brigas e disputas habituais pela herança. Devido a uma antiga e obsoleta lei napoleônica, todos os irmãos e irmãs herdavam igualmente as propriedades de seus pais. Muitas famílias foram arruinadas quando um de seus filhos se recusava a concordar com a venda das propriedades. Tristemente, neste caso, a cláusula *les héritiers en ligne directe* (herdeiros em linha direta) se resumia nela.

Emilie suspirou. Talvez tivesse que vender a propriedade, mas era uma preocupação para outro dia. Agora era hora de dizer adeus.

— Descanse em paz, mamãe — disse, deu um leve beijo na testa acinzentada do corpo e fez o sinal da cruz. Levantando-se da cadeira, ainda bastante cansada, Emilie deixou o quarto e fechou a porta com força.

CAPÍTULO 2

DUAS SEMANAS DEPOIS

Emilie levou seu *café au lait* com um *croissant* pela porta da cozinha e foi até a parte de trás da casa, um quintal cheio de alfazemas. O frontão do *château* apontava na direção sul, o que tornava o quintal o melhor lugar da casa para desfrutar do sol da manhã. Fazia um belo e morno dia de primavera, e a temperatura era agradável o bastante para vestir apenas uma camiseta.

Na tarde do funeral de sua mãe em Paris, há quarenta e oito horas, a chuva caía incansavelmente. Na vigília que ocorreu posteriormente, organizada no salão do Ritz, de acordo com o desejo da própria Valérie, Emilie aceitou as condolências de todos os maiores e melhores figurões da sociedade parisiense. As mulheres, a maioria com idade similar à de sua mãe, trajavam preto e faziam Emilie pensar num bando de gralhas envelhecidas. Uma grande variedade de chapéus antigos disfarçava as cabeleiras ralas enquanto as mulheres circulavam pelo salão bebendo champanhe, com seus corpos emagrecidos pela idade e várias camadas de maquiagem grudadas à pele flácida de seus rostos.

Há algumas décadas, elas foram consideradas as mulheres mais ricas e poderosas de Paris. Entretanto, o ciclo da vida avançou e foram substituídas por um novo grupo de mulheres articuladoras e influentes. Emilie pensava que cada uma daquelas mulheres estava simplesmente esperando o dia em que morreria, sentindo a emoção



começar a tomar conta de si enquanto saía do Ritz e chamava um táxi que a levaria ao seu apartamento. Sentindo-se miserável, muito mal mesmo, bebeu mais vinho do que costumava e acordou de ressaca na manhã seguinte.

Pelo menos o pior já havia terminado, disse Emilie a si mesma, tentando se reconfortar enquanto tomava café. Nas duas últimas semanas, não houve muito tempo para se concentrar em qualquer coisa que não estivesse relacionada ao funeral. Sabia que devia à mãe o tipo de despedida que a própria Valérie teria organizado perfeitamente. Emilie agonizava ao decidir se seria melhor oferecer *cupcakes* ou *petit-fours* com o café, e se as rosas cor de creme, com pétalas volumosas de que sua mãe tanto gostava, seriam dramáticas o bastante para servir como decoração nas mesas. Esse era o tipo de decisão que Valérie tomava todas as semanas, e Emilie descobriu que nutria um respeito relutante em relação à facilidade que sua mãe tinha para cuidar daquele tipo de detalhe.

E agora, Emilie virou seu rosto em direção ao sol e deixou que o calor aquecesse seu corpo; ela precisava pensar sobre o futuro.

Gerard Flavier, o contador da família que cuidava dos assuntos judiciais e das propriedades, já estava a caminho do *château*, vindo diretamente de Paris para uma reunião. Até que ele revelasse qual era a situação financeira do lugar, não fazia sentido pensar em planos. Emilie conseguiu licença de um mês de seu trabalho para lidar com o que ela sabia que seria um processo complexo e demorado. Ela desejava ter irmãos para dividir aquele fardo, detalhes legais e finanças não eram seu ponto forte. Toda aquela responsabilidade a aterrorizava.

Emilie sentiu a maciez de uma pelagem contra a pele do tornozelo. Olhando para baixo, viu Frou-Frou, a última chihuahua remanescente do canil de sua mãe, que a encarava com um olhar triste. Pegou a velha cadela nos braços e fez com que ela se sentasse sobre sua coxa, acariciando-lhe as orelhas.

— Parece que as únicas que sobraram fomos você e eu, Frou — murmurou. — Vamos ter que cuidar uma da outra, não é?

A expressão de empolgação nos olhos quase cegos de Frou-Frou fizeram Emilie sorrir. Ela não fazia ideia de como cuidaria da cadela. Embora se visse cercada por animais um dia, seu apartamento pequeno em Marais e o horário de trabalho extenuante não eram condizentes com cuidar de um cachorro que passou a vida inteira no colo emocional e físico do luxo.

Mesmo assim, animais e o bem-estar deles faziam parte de seu trabalho. Emilie vivia em função de seus vulneráveis clientes e nenhum deles era capaz de expressar como se sentia ou onde sentia dores.

“É triste ver que minha filha parece preferir a companhia de animais à de seres humanos...”

As palavras resumiam os sentimentos de Valérie em relação à maneira que Emilie vivia sua vida. Quando ela anunciou que tinha planos de ir à universidade e cursar medicina veterinária, a mãe franziu os lábios, expressando desaprovação.

— Não entendo por que você quer passar o resto da sua vida cortando e abrindo os pobres animaizinhos para olhar o que têm dentro.

— Mãe, esse é o processo, não o motivo. Eu amo os animais e quero ajudá-los — respondeu defensivamente.

— Se você precisa de uma carreira, por que não pensa em algo relacionado à moda? Eu tenho uma amiga na redação da revista *Marie Claire* que pode lhe arranjar um emprego. Claro, quando você se casar, não vai querer continuar trabalhando. Você se tornará uma esposa e essa será sua vida.

Embora Emilie não culpasse Valérie por ter aquela mentalidade retrógrada, não conseguia evitar o desejo de que sua mãe pudesse se orgulhar de suas conquistas. Ela se formou como a melhor aluna da classe na universidade e foi admitida imediatamente como *trainee* em uma das clínicas veterinárias mais renomadas de Paris.



— Talvez a mamãe tivesse razão, Frou — disse com um suspiro.
— Talvez eu prefira a companhia de animais à de pessoas.

Emilie ouviu os cascalhos rangendo, deixou Frou-Frou no chão e foi até a frente da casa para receber Gerard.

— Emilie, como você está? — Gerard lhe deu um beijo em cada face.

— Estou bem, obrigada. Como foi sua viagem?

— Peguei um avião até Nice e depois contratei um motorista para me trazer até aqui — disse enquanto passava por ela e entrava no amplo *hall*. As venezianas estavam fechadas, deixando o cômodo imerso em sombras. — Fiquei feliz pela oportunidade de escapar de Paris e vir visitar um dos meus lugares favoritos na França. A primavera no Var é sempre um espetáculo!

— Achei melhor nos reunirmos aqui no *château* — concordou Emilie. — Os documentos dos meus pais estão na escrivaninha da biblioteca e imaginei que você fosse consultá-los.

— Sim — Gerard andava pelo piso de ladrilhos de mármore desgastados pelo tempo, observando uma mancha de umidade no teto. — O *château* está precisando de um pouco de amor e carinho, não é? — perguntou, suspirando. — Ele está envelhecendo, como todos nós.

— Por que não vamos até a cozinha? Fiz um pouco de café.

— É exatamente do que preciso — disse Gerard com um sorriso, enquanto a seguia pelo corredor que levava até a parte de trás da casa.

— Sente-se, por favor — disse ela, indicando uma cadeira ao lado da longa mesa de carvalho e caminhando até o fogão para ferver mais água.

— Não há muito luxo aqui, não é? — disse Gerard, estudando o espaço utilitário e com pouca mobília.

— É verdade — concordou Emilie. — Mas este lugar era usado pelos empregados apenas para preparar a comida para nossa família e nossos convidados. Duvido que minha mãe tenha chegado a pôr as mãos na pia algum dia.

— Quem cuida do *château* e das necessidades domésticas dele agora? — perguntou Gerard.

— Margaux Duvall, a governanta, que está aqui há mais de quinze anos. Ela mora no vilarejo e vem trabalhar todas as tardes. Minha mãe dispensou os outros empregados depois que meu pai morreu e deixou de vir até aqui nos verões. Acho que ela preferia passar os dias de folga no iate que alugava.

— Sua mãe certamente gostava de gastar dinheiro — disse Gerard enquanto Emilie lhe servia uma xícara de café. — Com as coisas que eram importantes para ela — acrescentou o advogado.

— E que não incluíam este *château* — afirmou Emilie, bruscamente.

— Realmente. Pelo que analisei de suas finanças até o momento, ela parecia preferir os prazeres oferecidos pela casa Chanel.

— Minha mãe gostava muito de alta-costura, eu sei — disse Emilie, sentando-se do outro lado da mesa com sua xícara de café. — No ano passado, mesmo estando bastante doente, ela ainda compareceu aos desfiles de moda.

— Valérie realmente era uma figura ímpar. E famosa, também. Seu falecimento rendeu um bom espaço em nossos jornais — disse Gerard. — Embora isso não seja realmente uma surpresa. Os De la Martinières são uma das famílias mais notáveis da França.

— Eu sei — disse Emilie, com uma careta. — Também vi os jornais. Aparentemente, vou herdar uma fortuna.

— É verdade que sua família já foi incrivelmente rica. Infelizmente, Emilie, o tempo passou. O sobrenome nobre de sua família ainda existe, mas a fortuna... não mais.

— Foi o que pensei — disse Emilie, sem qualquer surpresa.

— Você provavelmente já sabe que seu pai não era um empresário — continuou Gerard. — Ele era um intelectual, um acadêmico que tinha pouco interesse pelo dinheiro. Embora eu tenha conversado várias vezes com ele sobre investimentos e tentado convencê-lo



a fazer alguns planos para o futuro, ele não se interessou. Há vinte anos, isso não tinha importância, havia bastante dinheiro. Mas entre a falta de atenção do seu pai e o gosto de sua mãe pelas melhores e mais finas coisas da vida, a fortuna diminuiu substancialmente — suspirou Gerard. — Lamento ser o portador de más notícias.

— Eu esperava que a situação fosse essa, e não me importo — confirmou Emilie. — Eu só desejo organizar o que é preciso para voltar ao meu trabalho em Paris.

— Receio, Emilie, que a situação não seja tão simples. Como eu disse no início, ainda não tive tempo de analisar os detalhes, mas o que posso lhe dizer é que a propriedade tem credores, e muitos. E esses credores devem ser pagos assim que for possível — explicou. — Sua mãe conseguiu um empréstimo de quase vinte milhões de francos utilizando a casa de Paris como garantia. Ela tinha muitas outras dívidas também, que precisarão ser pagas.

— Vinte milhões de francos?! — Emilie estava pasmada. — Como isso aconteceu?

— É fácil. Conforme os fundos foram se esgotando, Valérie não ajustou seu estilo de vida de acordo com suas possibilidades. Ela viveu durante muitos anos com dinheiro emprestado. — Gerard percebeu a expressão no rosto de Emilie. — Por favor, Emilie, não entre em pânico. São dívidas que podem ser pagas facilmente. Não somente com a venda da casa de Paris, o que creio que seja suficiente para angariar setenta milhões de francos, mas também com o seu conteúdo. Por exemplo, a magnífica coleção de joias de sua mãe, que está trancada num dos cofres do banco onde ela era correntista, e as várias pinturas e objetos de arte valiosos que há na casa. Acredite em mim, Emilie, você não é pobre, mas é preciso agir rapidamente para evitar que as coisas piores, e também tomar algumas decisões em relação ao futuro.

— Entendo — respondeu Emilie, suavemente. — Eu puxei pelo meu pai e tenho pouco interesse ou experiência em administrar finanças.

— Entendo completamente. Seus pais lhe deixaram um fardo pesado que está totalmente apoiado em seus ombros agora. Embora seja interessante comentar o número de parentes que você adquiriu recentemente — disse Gerard, levantando as sobrancelhas.

— Como assim?

— Oh, não precisa se preocupar. É de se esperar que os abutres desçam sobre você num momento como este. Já recebi cerca de vinte cartas de pessoas que dizem ter algum tipo de parentesco com os De la Martinières. Até agora, quatro irmãos ou irmãs ilegítimos, aparentemente gerados pelo seu pai fora do casamento, juntamente com dois primos, um tio e uma pessoa que trabalhou para os seus pais na casa de Paris na década de 1960. Ela jura que Valérie lhe prometeu que receberia uma das pinturas de Picasso quando falecesse — disse Gerard, sorrindo. — Era de se esperar, mas, infelizmente, as leis da França exigem que todas essas alegações sejam investigadas.

— Você não acha que elas sejam verdadeiras, não é? — Os olhos de Emilie estavam arregalados.

— Eu duvido de cada uma delas. Se lhe servir de consolo, isso aconteceu com todas as mortes de pessoas influentes e bem relacionadas com as quais já tive que lidar — disse Gerard, dando de ombros. — Deixe isso comigo e não se preocupe. Prefiro que você, Emilie, concentre seus pensamentos no que irá fazer com o *château*. Como eu disse, as dívidas de sua mãe podem ser facilmente quitadas com a venda da casa de Paris e seu conteúdo. Mas isso ainda lhe deixa com essa propriedade magnífica, que, de acordo com o que percebi, está precisando de reparos urgentes. Seja lá o que você decidir, ainda será uma mulher rica, mas preciso saber uma coisa: você pretende vender este *château* ou não?

Emilie olhou para um ponto distante e suspirou fundo.

— Para ser honesta, Gerard, eu gostaria que nada disso acontecesse. Gostaria que outra pessoa ficasse encarregada dessa decisão. E o que me diz dos vinhedos? A *cave* está tendo algum tipo de lucro?



— Bem, posso investigar para você — disse Gerard. — Se você decidir vender o *château*, a vinícola pode ser incluída na venda e será uma preocupação a menos.

— Vender o *château*... — Emilie repetiu as palavras de Gerard. Ouvi-las sendo pronunciadas em alto e bom som enfatizava a enormidade das responsabilidades que ela precisava enfrentar. — Esta casa pertence à nossa família há duzentos e cinquenta anos. E agora cabe a mim tomar a decisão. A verdade é que não tenho a menor ideia sobre qual é a melhor alternativa.

— Tenho certeza de que você não sabe. Como já disse, é muito difícil ter que tomar todas essas decisões sozinha. — Gerard balançou a cabeça negativamente, demonstrando simpatia. — O que é que posso dizer? Nem sempre podemos escolher a situação em que estamos. Vou tentar ajudá-la o máximo possível, Emilie. Sei que é isso que seu pai desejaria que eu fizesse nessas circunstâncias. Agora, se me permite, preciso descansar um pouco da viagem e, mais tarde, quem sabe possamos dar uma volta pelos vinhedos e conversar com o gerente da vinícola?

— Tudo bem — respondeu Emilie, com a voz tomada pelo cansaço. — Abri as venezianas do quarto à esquerda da escada principal. Ele tem uma das melhores vistas de toda a casa. Quer que o acompanhe até lá?

— Não, obrigado. Já fiquei hospedado aqui várias vezes antes, como você sabe. Já conheço o caminho.

Gerard se levantou, despediu-se de Emilie com um aceno de cabeça e saiu pela porta da cozinha, em direção à escadaria principal que o levaria ao seu quarto. Ele parou no meio do caminho, observando o rosto desbotado e empoeirado de um dos ancestrais dos De la Martinières. Muitas das famílias nobres francesas e a história que estava ligada a seus nomes estavam desaparecendo, e apenas linhas que mal podiam ser vistas marcavam a passagem delas pelo mundo. Ele se perguntou como o grande Giles de la Martinières, no retrato (um nobre guerreiro e, de acordo com o que alguns diziam, amante

de Maria Antonieta), se sentiria se soubesse que o futuro de sua linhagem repousaria nos ombros delicados de uma jovem mulher. E uma mulher que Gerard sempre achou um pouco estranha.

Durante suas várias visitas às propriedades dos De la Martinières no passado, Gerard via uma criança sem atrativos especiais, cuja introversão não permitia que ela respondesse às afeições dele ou de outras pessoas. Uma criança que parecia distante, reservada, quase carrancuda em sua reticência às aproximações amistosas que ele tentou engendrar. No papel de contador da família, ele sentia que seu trabalho não abrangia apenas os processos de trabalhar com planilhas e números, mas também o talento de interpretar as emoções de seus clientes.

Emilie de la Martinières era um enigma.

Ele a observou durante o funeral de sua mãe e seu rosto não revelou emoção alguma. Ela havia se tornado muito mais atraente depois de adulta. Mesmo assim, num momento como este, na mesa da cozinha, forçada a encarar a perda da mãe e a responsabilidade de tomar decisões extremamente difíceis, Gerard não a achou vulnerável. O tipo de vida que ela tinha em Paris não poderia estar mais distante daquela que seus ancestrais tiveram. Ela levava uma vida sem qualquer destaque. E, mesmo assim, toda a história da sua família era realmente notável.

Gerard continuou a subir pelas escadas, irritado com as respostas curtas que ela lhe dera. Faltava alguma coisa, havia algo em Emilie que era impossível de alcançar. E ele não fazia ideia de como descobrir o que era.

Quando Emilie se levantou e levou as xícaras para a pia, a porta da cozinha se abriu e Margaux, a governanta do *château*, entrou pela porta lateral. Seu rosto se iluminou quando viu Emilie.

— *Mademoiselle Emilie!* — Margaux se aproximou para abraçá-la. — Não sabia que você viria! Devia ter me contado. Eu teria preparado a casa para recebê-la.



— Cheguei de Paris tarde da noite — explicou Emilie. — É muito bom revê-la, Margaux.

Margaux se afastou e estudou Emilie, com simpatia nos olhos.

— Como você está?

— Estou... tentando lidar com a situação — respondeu Emilie, honestamente. Ver Margaux, a mulher que cuidou dela desde que era uma garotinha e passava os verões no *château*, lhe deu um nó na garganta.

— Você está muito magra. Está comendo? — Margaux a examinou.

— É claro que estou comendo, Margaux! Além disso, é improvável que eu emagreça mais do que isso. — Emilie abriu um sorriso lânguido, deslizando as mãos pelo corpo.

— Você tem um belo corpo, mas espere até ficar como eu! — Margaux indicou seu próprio corpo gorducho e riu-se.

Emilie olhou para os olhos azuis desbotados e para o cabelo louro, agora riscado por mechas acinzentadas. Ela se lembrava de que, há quinze anos, Margaux era uma bela mulher, e sentiu-se ainda mais deprimida ao perceber como o tempo destruía tudo em sua marcha sempre faminta.

A porta da cozinha voltou a se abrir. Por ela surgiu um garoto jovem e esguio, com os imensos olhos azuis de sua mãe, que dominavam seu rosto angelical. Ele pareceu surpreso ao ver Emilie, e olhou nervosamente para sua mãe.

— Mamãe? Há algum problema com a minha presença aqui? — perguntou ele à Margaux.

— Você se importa se Anton ficar aqui no *château* comigo enquanto eu estiver trabalhando, *mademoiselle* Emilie? Estamos no feriado da Páscoa e eu não gosto de deixá-lo sozinho em casa. Ele normalmente fica sentado em algum canto, entretido com um livro.

— Claro que não há problema — respondeu Emilie, abrindo um sorriso sincero para o garoto. Margaux perdera o marido há oito anos

num acidente de carro. Desde então, vinha lutando para criar o filho sozinha. — Imagino que haja espaço suficiente para todos nós aqui, você não acha?

— Sim, *mademoiselle* Emilie. Obrigado — disse Anton, demonstrando sua gratidão e aproximando-se de sua mãe.

— Gerard Flavier, nosso contador, está num dos quartos de hóspedes. Ele vai passar a noite aqui. Mais tarde iremos até o vinhedo para conversar com Jean e Jacques.

— Vou preparar o quarto dele enquanto vocês estiverem fora. Quer que eu faça algo para o jantar?

— Não, obrigada. Comeremos na vila.

— Há algumas contas da casa que chegaram, *mademoiselle*. Quer vê-las agora? — perguntou Margaux, constrangida.

— Sim, claro — suspirou Emilie. — Não há mais ninguém para pagá-las, não é mesmo?

— É verdade. Lamento muito, *mademoiselle*. É difícil estar sozinha. Sei muito bem como é — simpatizou Margaux.

— Sim, obrigada. Conversarei com você mais tarde, Margaux — Emilie se despediu e foi encontrar Gerard.

Naquela tarde, Emilie foi com Gerard à cave. O vinhedo, na propriedade dos De la Martinières, era uma pequena operação de dez hectares, com uma produção de doze mil garrafas de vinho branco, tinto e do mais pálido *rosé* ao ano, vendidos predominantemente a lojas, restaurantes e hotéis das redondezas.

Do lado de dentro, a cave era fria e escura. O cheiro da fermentação do vinho permeava o ar por entre os imensos barris de carvalho russo encostados às paredes. Jean Benoit, o gerente da cave, saiu de trás de sua escrivaninha quando eles entraram.

— *Mademoiselle* Emilie! É um prazer vê-la — cumprimentou-a Jean, beijando-lhe as duas faces carinhosamente. — Pai, venha ver quem está aqui!



Jacques Benoit, que já tinha seus oitenta e poucos anos e um corpo rígido devido ao reumatismo, mas que ainda se sentava a uma das mesas na cave todos os dias, cuidadosamente embalando cada garrafa de vinho em papel de seda roxo, levantou os olhos e sorriu.

— *Mademoiselle* Emilie, como vai?

— Estou bem, obrigada, Jacques. E você?

— Ah, não consigo mais sair para caçar os javalis selvagens que seu pai e eu costumávamos pegar nas montanhas — disse ele, com uma risada. — Mas ainda acordo respirando todas as manhãs.

Emilie sentiu prazer com o carinho daquelas saudações e de toda a familiaridade que aquelas figuras traziam. Seu pai e Jacques foram grandes amigos, e Emilie frequentemente pedalava sua bicicleta até a praia de Gigaro, nas proximidades, para nadar em companhia de Jean, que, oito anos mais velho, parecia bastante maduro. Às vezes, Emilie o imaginava como seu irmão mais velho. Jean sempre agiu de forma bastante protetora e gentil em relação a ela. Ele perdeu sua mãe, Francesca, quando ainda era jovem, e Jacques fez o melhor que pôde para criá-lo sozinho.

Tanto o pai quanto o filho, assim como seus ancestrais, cresceram na pequena casa ao lado da cave. Jean agora administrava a vinícola, assumindo o lugar de seu pai quando Jacques se deu por satisfeito com as habilidades que seu filho demonstrou no uso de seus métodos especiais de misturar e fermentar as uvas das parreiras que os cercavam. Emilie se deu conta de que Gerard estava atrás deles, com uma aparência de desconforto. Afastando seus devaneios, ela disse:

— Este é Gerard Flavier, o contador de nossa família.

— Acredito que já nos encontramos, *monsieur*, há muitos anos — disse Jacques, estendendo a mão direita, que tremia, para cumprimentá-lo.

— Sim, e eu ainda sinto a sutileza do sabor do vinho que vocês criam aqui quando estou em Paris — comentou Gerard com um sorriso.

— O senhor é muito gentil, *monsieur* Gerard — disse Jacques. — Mas creio que meu filho tem muito mais talento quando precisamos produzir o *rosé* Provençal perfeito.

— Mas presumo, *monsieur* Flavier, que o senhor veio até aqui para verificar as finanças e os arquivos da nossa cave. Não está muito preocupado com a qualidade de nossos produtos, estou certo? — Jean não estava muito à vontade.

— Eu certamente gostaria de ter uma noção da produtividade e do bem-estar financeiro da empresa para fazer minha análise — confirmou Gerard. — Receio que *mademoiselle* Emilie tenha que tomar algumas decisões.

— Bem, creio que não há motivo para que eu esteja presente agora, então vou dar uma volta pelos vinhedos — disse ela, fazendo uma mesura com a cabeça para os três homens, e imediatamente deixou a cave.

Ao sair do recinto, percebeu que seu desconforto parecia ser ainda maior pelo fato de que as decisões que tomaria colocariam o sustento da família Benoit em risco. O estilo de vida deles era o mesmo há centenas de anos. Ela percebia que Jean, em particular, estava muito preocupado, pois sabia das consequências da venda da propriedade. Um novo proprietário poderia contratar seu próprio gerente, e Jean e Jacques seriam forçados a deixar suas casas. Ela não conseguia imaginar uma mudança tão forte, pois os Benoit pareciam ter brotado do solo sobre o qual ela andava agora.

O sol já estava indo em direção ao poente, e Emilie caminhava pelo chão de pedras entre as parreiras delicadas. Nas próximas semanas, elas cresceriam e se espalhariam alucinadamente, produzindo os frutos doces e grandes que seriam colhidos na *vendange* do final do verão.

Ela se virou para olhar o *château* a trezentos metros de distância e suspirou, decepcionada. Suas paredes claras e as janelas pintadas num tom azul tradicional, emoldurado por altos ciprestes dos dois lados, se mesclavam na suavidade do pôr do sol que se aproximava.



Projetado de maneira simples, mas elegante, para se adequar àquele cenário rural, a casa refletia perfeitamente a linhagem discreta e nobre de onde ambos se originaram.

“E tudo o que nos resta somos nós mesmos...”

Emilie sentiu um carinho repentino em relação ao imóvel. Ele também estava órfão. Reconhecido, mas ignorado em termos de suas necessidades básicas, e mesmo assim mantendo um ar de dignidade e graça num período de dificuldades. Ela sentia um espírito de camaradagem com o *château*.

— Como poderei dar o que você precisa? — sussurrou ela para o *château*. — O que vou fazer com você? Tenho uma vida inteira em outro lugar, eu... — Emilie suspirou e ouviu seu nome ser chamado.

Gerard vinha andando em sua direção. Ele chegou até onde ela estava e seguiu a direção do seu olhar, em direção ao *château*.

— É bonito, não é? — ele disse.

— Com certeza, é bonito. Mas não faço a menor ideia do que vou fazer com ele.

— Por que não voltamos até lá? Vou lhe dar algumas sugestões. Talvez você possa fazer uso de algumas delas, talvez não.

— Obrigada.

Vinte minutos depois, quando o sol se despedia definitivamente por trás da colina que acomodava a vila medieval de Gassin, Emilie sentou-se com Gerard e ouviu o que ele tinha a dizer.

— A vinícola está produzindo uma quantidade menor do que poderia, tanto em termos da própria produtividade quanto dos lucros. Houve um aumento internacional nas vendas de vinho *rosé* nos últimos anos. Não é mais considerado o primo pobre de seus irmãos branco e tinto. Jean espera que, se as condições do tempo permanecerem estáveis nas próximas semanas, a colheita de uvas seja superior à média dos anos anteriores. O problema, Emilie, é que a cave sempre foi administrada como um hobby pelos De la Martinières.

— Sim, eu sei — concordou.

— Fiquei muito impressionado com Jean, também. Ele disse que a vinícola não recebeu qualquer investimento desde que seu pai morreu, há quinze anos. Com certeza, o empreendimento foi estabelecido para servir como o produtor de vinho particular do *château*. Nos seus melhores dias, quando seus ancestrais recebiam convidados aqui, em grande estilo, uma grande parte da produção era consumida por eles e por seus convidados. Agora, é claro, tudo está diferente, mas os vinhedos ainda funcionam da mesma maneira que há centenas de anos.

Gerard olhou para Emilie, procurando uma reação, como não recebeu nenhuma, prosseguiu.

— O que a cave precisa é de uma injeção de capital para maximizar seu potencial. Jean me disse, por exemplo, que há terras em quantidade suficiente para dobrar o tamanho do vinhedo. Também é preciso adquirir alguns equipamentos modernos para atualizar a empresa e, de acordo com o que Jean acredita, produzir um lucro mais substancial — resumiu Gerard. — A pergunta que fica, portanto, é se você deseja levar a vinícola e o *château* em direção ao futuro. Ambos envolvem projetos de reforma que consumirão muito de seu tempo.

Emilie escutava o silêncio. Não se ouvia qualquer ruído do vento. A atmosfera tranquila a envolvia com conforto e tranquilidade. Pela primeira vez desde que sua mãe morreu, Emilie sentia-se em paz. E, dessa forma, sem qualquer vontade de chegar a uma conclusão.

— Obrigada por sua ajuda até aqui, Gerard. Entretanto, não acho que seja possível lhe dar uma resposta agora — explicou ela. — Se você tivesse feito essas perguntas há duas semanas, eu teria lhe dito categoricamente que estava disposta a vender tudo. Mas agora...

— Eu compreendo — disse Gerard, assentindo. — Não posso lhe dar conselhos no campo emocional, Emilie, somente no campo financeiro. Talvez você se sinta melhor ao saber que, quando vender a casa de Paris, seu conteúdo e as joias de sua mãe, a renda não será apenas



o bastante para cobrir os custos com a reforma do *château*, mas também lhe dará rendimentos substanciais pelo resto de sua vida. E, é claro, também devemos considerar a biblioteca — acrescentou ele. — Seu pai pode não ter gastado energia no embelezamento de ambas as casas, mas o legado que ele deixou está abrigado aqui. Ele ampliou algo que já era uma bela coleção de livros raros e, pelo que percebi na última vez em que verifiquei os registros, ele havia praticamente duplicado o acervo. Não sou especialista em livros antigos, mas posso imaginar que a coleção seja muito valiosa.

— Eu nunca venderia essa coleção — respondeu Emilie firmemente, surpreendendo a si mesma com aquela repentina reação defensiva. — É o trabalho de toda a vida do meu pai. Passei muitas horas na biblioteca com ele quando era criança.

— É claro. Não há razão para que você queira se desfazer dos livros. Mesmo assim, é preciso lembrar-se de que, se você decidir não manter o *château*, terá que achar um lugar maior que o seu apartamento em Paris para guardar a coleção — disse Gerard, com um sorriso torto. — Bem, agora eu preciso comer. Você me acompanharia até a vila para jantar? Partirei amanhã cedo e, com sua permissão, preciso investigar o conteúdo da escrivania de seu pai e ver se há mais documentos financeiros.

— É claro — concordou Emilie.

— Preciso dar alguns telefonemas antes — ele disse, justificando-se —, mas venho encontrá-la daqui a meia hora.

Emilie observou Gerard quando ele se levantou da mesa e caminhou em direção às outras dependências da casa. Ela não se sentia muito à vontade em sua companhia, embora o contador estivesse presente durante toda a sua vida. Ela o tratava como qualquer criança trataria um adulto distante. Agora, sem que houvesse outros membros de sua família por perto, conversar diretamente com ele era uma experiência nova e desconfortável.

Enquanto andava pelos cômodos da casa, Emilie percebeu que, embora Gerard estivesse simplesmente tentando ajudá-la, ele agia de

forma paternalista. Às vezes, ela via nos olhos do homem algo que só conseguia identificar como ressentimento. Talvez ele sentisse, e ninguém poderia culpá-lo por isso, que ela não havia realizado nada em sua vida que a tornasse digna de receber o manto da última sobrevivente da linhagem dos De la Martinières, com todo o seu peso e valor histórico. Emilie sabia, dolorosamente, que não tinha qualquer traço do *glamour* dos seus predecessores. Nascida em uma família extraordinária, tudo que ela queria era parecer uma pessoa normal.